

Arame Farpado e sangue.
Maís 2010.

Por Marta Darder

Vermelho de sangue. Arame farpado. Tomar o presente. Costurar ferro, soldar tecido. Maís tece com arame farpado. Maís solda com tecido vermelho. A magia de jogar com contrários e sobreviver. Para se viver sem embustes e poder se levantar mais forte quando os feixes racham. Renascer para voar mais longe. O arame, a veia, o caminho; o vermelho, o sangue, a vida. O canal e o líquido indissociáveis, vivem o mistério e a riqueza do labirinto do ser. O fio das tecedeiras, das Parcas, das Mouras, o novelo de Ariadne são fonte e caminho. Caminha a aranha, e Aracne, enquanto tece sua teia, a casa para viver: vida e morte em uma só construção.

As obras de Maís nos falam em ferro e vermelho-púrpura. Desde os primeiros trabalhos de Maís, ferro e esmaltes, esmaltes púrpura e brancos em 'Brau' [Bravo, Touro] (1985), púrpura e vermelhos na escultura mural "Plors de mort" [Prantos de morte] (1988), enunciam o grito que se mostra no silêncio do grito das umbilicais dos "Crits" [Gritos] (1995), de 'Laí' (1995) e de 'Cocoplai' (1998). O tímido esmalte vermelho se insinua nas circunferências, nas argolas do arame farpado de união entre feto e envolvência, ventre, garganta, placenta, e se transforma no labirinto de grades de 'Gênesis' (1997). Um cordão umbilical presente que se metamorfoseia em degraus, em escada em direção a um quarto de madureza criando o "Camí de la privacitat" [Caminho da privacidade] (1999) escada acima.

Fio a fio, degrau a degrau, quarto trás quarto, de alcova em alcova, vida e morte, dor e paixão, dentro e fora. Amor e ódio, contrários em companhia. A obra de Maís afronta, tal como ela mesma se afronta. Cada abismo de criação reúne no impulso, a eterna juventude do fazer absorto, movida pela emoção do viver do existir e empurrada pela força de uma corrente que não descansa nunca. A coragem de se deparar com a vida tal como ela chega e fixar os horrores e as alegrias como se pode, para poder tudo vomitar, para poder se afastar, para poder voltar a se aproximar, para poder viver dentro e fora com a destreza de quem caminha fazendo caminho.

Ariadne, filha de Minos, rei de Creta, e de Pasífae, rainha de Creta, esposa de Minos e também mãe do Minotauro, quer abandonar a ilha. Quando chega Teseu para matar o Minotauro, Ariadne vê nele a salvação, a libertação da casa do pai. A oportunidade perfeita para poder ir ver o mundo. Chegam a um acordo: se Ariadne ajudar Teseu a sair do labirinto, ele, como recompensa, tributo e agradecimento, a levará consigo no seu navio mar adentro e a deixará onde ela quiser, livre! Por fim! Reinterpretar os mitos. Reviver e criar de novo os patronos e as heroínas, uma nova mitologia, novas formas, outras protagonistas, motivos diferentes que impulsionem as mulheres na direção da liberdade. Mostrar a dor e a luta. Fazer visível aquilo que nos oprime e visitar paisagens imaginadas que se transformem em realidade. Maís, mostra e habita fatos e espaços que são para esquecer e para viver em outros diferentes, próprios que se abrem pouco a pouco à medida que passa o tempo e que pode deixar para trás a dor e subir as escadas e abrir os tetos. Do alto da escada da casa 'Thaos' (2002), vemos o firmamento! A partir de agora tudo é possível. O gradeado deixa passar o céu aberto.

A história e a mitologia, como a própria vida, sempre se podem escrever, ler de novo e

revisitar. A obra de arte é sempre nova quando a voltamos a olhar. Nada melhor que ficar diante de uma escultura, uma pintura, um poema, um nada ou um nenhures e se deixar levar. Por muitas vezes que tenhamos olhado, sentido, cheirado, lambido, tocado uma obra, de novo diante de ela ou em lembrança, imagem fixada na mente, experimentamos uma nova sensação, uma emoção rejuvenescida, diferente e surpreendente.

Maïs a partir do impulso criador, aquele descrito por Baltasar Porcel em “Anatomia de uma obra escultórica”, em Maïs 1986-2006, Sitges 2006, de cada vez que cria, que se joga no vazio para projetar uma escultura fá-lo de novo, empurrada por uma necessidade intensa interior e inevitável que a projete para fora e em direção do movimento, em direção ao costurar sem parar, em direção ao costurar sem limites, em direção ao soldar o tecido. Como Penélope, tece e deixa marca em uma escultura e destece – mas não o tecido, não a escultura mas a ideia- para começar uma obra nova. Todas as esculturas de Maïs foram tecidas com arame farpado e todas elas têm mais do que um fio condutor. Maïs como Ariadne procura a maneira de ver o mundo e se aferra ao fio, à veia, ao sangue que a conduz um dia atrás do outro à libertação. De cada vez um pouco mais livre, um pouco menos na prisão interior dos vínculos, um pouco mais no vazio do envolvimento sem retorno, na escuridão. Cada vez com mais forças para fazer visível a dor, medo, prisão.

Seguimos o fio vermelho nas obras de Maïs! Seremos Ariadnes em direção da liberdade. Um caminho difícil mas belo e estimulante para ser vivido precisamente por isso por que é vivido. Viver. Sentir no viver. Apercebermo-nos de que vivemos e de que sentimos e mostrar tanto as alegrias como as penas, as dúvidas como as certezas, um recanto como a amplidão. O vermelho, o sangue, a paixão, a dor, o esforço aparecem na obra de Maïs de forma progressiva. O ferro tece o espaço, nos situa no lugar e no não-lugar para nos orientar e para nos desorientar ao mesmo tempo. Tem de ser valente se se quer sentir. As esculturas de Maïs nos afrontam com aquele aparente paradoxo: rígida fortaleza fechada, capacidade de duvidar, cambalear no meio do quadrado da estrutura firme. Viajamos pelo ferro e pelo vermelho de Maïs: no começo encontramos o vermelho tímido, por volta do ano 2000 os vermelhos e os vermelho-púrpura são cada vez mais presentes e em 2010, com a instalação ‘Esquerda irreparable’ [Fenda irreparável], o vermelho do tecido inunda toda a sala e nos engole. Caminhamos entre o sangue e os corpos das mulheres que morreram em Ciudad Juarez e alhures.

A mulher vive e ri. A mulher luta. A mulher sofre. A mulher é maltratada. E não se vê. É preciso dizê-lo. Maïs o diz de muitas maneiras do interior, desde fora e de fora para dentro. Reconhecemos as lapidações em ‘Safiya’, nos sentimos em um pesadelo em ‘La cambra de l’infortuni’ [A sala do infortúnio] e em ‘La cambra de l’esglai’ [A sala do espanto] preferíamos nunca cá ter estado. Mas a realidade, as realidades de muitas mulheres ficam patentes e já não podem nunca mais ser silenciadas. É necessário mostrar o horror para procurar que cada dia o sofrimento seja menor. Maïs sobe as escadas e nos faz subir as escadas e nos leva ao céu longe dos quartos. ‘Homenatge a Piranesi’ [Homenagem a Piranesi] continua a libertação da prisão iniciada com esculturas como ‘Gratacel’ [Arranha-céus]. ‘L’anada’ [A ida] já abriu o telhado e nos permite voar, mais além.

Quarto de ferro, divisão fechada, ‘Fereix de foc’ [Fere de fogo], ficam no interior dos quartos e as vivemos para passar um pouco mais tarde à pele das casas onde em ‘La casa de pedassos, cicatrius’ [A casa de remendos, cicatrizes] tecidos de amigas constroem as superfícies, a pele, a força, o exterior da estrutura. O edifício, o ferro, começa a permitir intuir que existe um exterior e que é possível sair. As escadas antes já

tinham começado a mostrar um possível caminho diferente um 'Camí de privacitat' [Caminho de privacidade] para seguir o desejo de sair do labirinto. Ariadne, sempre com o novelo preparado e deixando pegadas, pode chorar na 'Casa llàgrima' [Casa lágrima] e 'Somriu al vent' [Sorri ao vento] e inicia a desconstrução da prisão, do labirinto. O quarto, a casa, a vedação firme, a fechadura que se derruba. O 'Castell' [Castelo] é um fragmento do que tinha sido a fortaleza. A vedação está aberta. A ruína do edifício voa e além disso encontramos lá a janela. Aquela abertura que nos permite sair como Ícaro e Dédalo do labirinto de Creta, com as asas que nos construíram graças à valentia das pessoas que aprenderam a sofrer e que sabem que existem outras realidades possíveis.

Maïs não é em 'La torre de Dànae' [A torre de Dânae] (2001) esperando ser libertada; nem tece e destece o tecido desejando a chegada de Ulisses. Maïs segue e seguiu durante muitos anos o fio de Ariadne, o arame farpado e encontrou a saída do labirinto. Maïs olhou olhos nos olhos o minotauro, se enfrentou a si mesma deixando patente o devastador efeito do monstro. 'Esquerda irreparable' [Fenda irreparável] permite circular entre as ruínas do labirinto destruído, entre os restos dos corpos das mulheres, vítimas da faca de dois gumes.

Arame farpado, tecido vermelho. Labirinto, novelo. Enigma. Saída.

Barcelona Junho 2010